

## A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS DA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS VISUAIS NA NATIONAL GEOGRAPHIC

Maria Flavia Barbosa Xavier<sup>1,2</sup>, Ana Paula Nunes Chaves<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “O poder das imagens e suas geografias: uma análise da pedagogização visual em discursos e narrativas sobre o espaço”

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Geografia – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq.

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – [ana.chaves@udesc.br](mailto:ana.chaves@udesc.br).

A pesquisa tem como objetivo identificar e analisar as narrativas visuais sobre a Amazônia, divulgadas pela revista *National Geographic*, com o intuito de problematizar a educação pelas imagens e a construção de determinada cultura visual sobre a floresta brasileira. Para tanto, investigamos as reportagens sobre a Amazônia brasileira no acervo da revista, entre 1888 até 2020.

A educação geográfica muito se vale das narrativas visuais para a construção de conceitos e espacialização de territórios. É através de imagens, sejam elas representações cartográficas, vídeos, fotografias, gravuras, imagens de satélites, entre outras, que construímos mentalmente nossa noção de mundo, conhecemos espaços distantes e identificamos as mais distintas paisagens existentes no planeta. As imagens utilizadas para ensinar geografia, em grande medida, nos educam sobre as características físicas dos espaços representados na diversidade da fauna e da flora, nos contam da exuberância do relevo terrestre, e nos apresentam as influências culturais e sociais dos povos que coabitam e transformam as paisagens.

A cultura visual tem uma importância fundamental para os estudos da geografia enquanto disciplina, pois a narrativas visuais exercem um papel relevante nas representações espaciais enquanto descritoras e criadoras de paisagens, lugares e práticas sociais. Na educação geográfica, a cultura visual em circulação pode representar um dos principais caminhos na construção de imaginários, uma vez que a apropriação das imagens contribui para a formação de narrativas mentais sobre os lugares, independentemente de conhecê-los ou não. A forma como tais imagens são apresentadas, ou como as informações são divulgadas através delas, ratificam, desconstruem e reconstruem nossa compreensão de determinado espaço e cultura, de modo que há que se ter uma análise cuidadosa sobre o porquê e como ver e ler as imagens.

Em se tratando de materiais audiovisuais que promovem a disseminação de determinada cultura visual sobre os lugares e as paisagens, a revista *National Geographic* constitui-se em um rico exemplar de imagens, reportagens e notícias sobre a diversidade do planeta Terra. Ao longo da sua história, em circulação desde o final do século XIX, as imagens propagadas em suas páginas auxiliaram, sobremaneira, na concepção de narrativas e percepções sobre paisagens e culturas, nos educando visualmente sobre as geografias dos distintos continentes. Diante deste contexto, nos perguntamos como as paisagens brasileiras são representadas nas páginas da revista *National Geographic*? De que maneira as narrativas visuais e o uso das imagens implicam na construção de determinada cultura visual sobre o Brasil? Dentre as 88 reportagens que tratam especificamente sobre o Brasil, nos chamou a atenção que quase um terço delas retratava a Floresta Amazônica. Assim, investigamos detidamente os 24 textos que exploram conteúdos sobre a Floresta Amazônica, publicados entre 1894, primeira citação na revista, até 2020.

As primeiras reportagens sobre a Amazônia eram narrativas escritas, sem nenhuma representação imagética sobre o lugar. Os textos tratavam exclusivamente da descrição do bioma e seus aspectos geofísicos. A primeira narrativa que faz uso de imagens data de 1928, quando foi incorporado à reportagem um mapa da floresta no continente americano. Até a década de 1960, as descrições sobre a Amazônia informavam que o ambiente estaria distribuído exclusivamente em território brasileiro, e com um baixo desenvolvimento socioeconômico, se comparado a outros lugares do país. Eram utilizadas, majoritariamente, fotografias das paisagens naturais, rios e da floresta para a ilustração das reportagens. Também educava nosso olhar para o quão intocado seria esse ambiente, com natureza selvagem e exuberante, com baixa ocupação territorial, além da ressalva para a manutenção do estilo de vida dos povos tradicionais.

As narrativas visuais nas reportagens publicadas entre as décadas de 1960 e 1980, quando da ditadura militar no Brasil, trazem outro cenário temático da floresta. Nesse período, as reportagens valorizavam imagens referentes à expansão industrial do norte do país, fomentada pelo “milagre econômico” do governo militar, juntamente com representações culturais de povos tradicionais. Estas narrativas visuais diferiam entre si pelo valor intrínseco da valorização das corporações e empresas, e uma subvalorização cultural dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos pelo desenvolvimento econômico.

Já nos anos 1990 até o momento, e em alinhamento aos movimentos ambientalistas, as reportagens e narrativas visuais passaram a ter um apelo conservacionista. A exploração sem planejamento dos recursos da floresta, a perda das culturas tradicionais e os danos ambientais foram os temas mais presentes nas imagens. Compreendeu-se, portanto, que a narrativa construída a partir de então, e que perdura nos anos 2000 até o presente, é de que a Amazônia não é mais um ambiente pristino. Há a construção de uma narrativa de um ambiente fragilizado, onde ações de conservação e denúncias de exploração ganham destaque e reforçam a necessidade de iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável.

Com base na análise dos dados, pode-se concluir que as narrativas discursivas e imagéticas sobre a floresta amazônica presentes na *National Geographic* ajudaram a construir diferentes percepções culturais, econômicas e geográficas sobre o ambiente amazônico ao longo de 126 anos de história de citações no periódico. As narrativas enfatizavam a descrição dos espaços, a relação humana com os recursos e, principalmente, a construção da geografia sociocultural. Inicialmente, as narrativas eram voltadas a uma concepção de ambiente pristino, com pouco desenvolvimento humano em comparação a outras cidades do país. As reportagens mais recentes enfatizam um ambiente sob forte ameaça ambiental e distúrbios ecológicos, destacando a preservação da floresta e estratégias conservacionistas. Portanto, as imagens atreladas à representação da Amazônia são relevantes para o entendimento dos conflitos de ocupação e usos de recursos, ocupação de terras e conservação das culturas tradicionais.

**Palavras-chave:** Cultura visual; Educação geográfica; Floresta Amazônica.